



BISPO, Alexandra dos Santos. O épico e a alegoria em *As cantilenas do rei-rainha* de Leda Miranda Hühne. In: *Revista Épicas*. Ano 2, N. 3, Jun 2018, p. 1-12. ISSN 2527-080-X.

O ÉPICO E A ALEGORIA EM AS CANTILENAS DO REI-RAINHA DE LEDA MIRANDA HÜHNE

EL ÉPICO Y LA ALEGORÍA EN LAS CANTILENAS DEL REY-REINA DE LEDA MIRANDA HÜHNE

Alexandra dos Santos Bispo¹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO: Este trabalho analisa de que forma o gênero épico continua presente na literatura brasileira, uma vez que a poesia épica passou por grandes transformações ao longo dos tempos. Entendendo *As cantilenas do Rei-Rainha* (1988) de Leda Miranda Hühne como um poema épico-lírico, empreendo uma análise da presença de aspectos épicos na obra para mostrar como esse gênero ainda está presente em nossos tempos e como retoma, através da matéria épica, a identidade de um povo. De igual modo, a partir das reflexões teóricas de Flávio Kothe (1986) sobre a alegoria, demonstro de que forma Hühne utiliza-se desse recurso para propor reflexões acerca do jogo de poder existente na sociedade. Para tanto, parto de teóricos que, contrariando alguns críticos que decretaram, na modernidade, a morte da epopeia, salientam em seus estudos a presença do gênero épico na contemporaneidade. Assim, obras como *História da epopeia brasileira*, de Silva e Ramalho (2007), *Poemas épicos: estratégias de leitura*, de Ramalho (2013), *A cabeça calva de Deus*, de Corsino Fortes, *o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal*, de Ramalho (2015) constituem o corpus teórico fundamental dessa investigação, confirmando a permanência do gênero épico na contemporaneidade.

Palavras-chave: Epopeia; Poesia; Alegoria.

RESUMEN: Este trabajo analiza de qué forma el género épico sigue presente en la literatura brasileña, una vez que la poesía épica ha pasado por grandes transformaciones a lo largo de los tiempos. Por comprender *As cantilenas do Rei-Rainha* (1988) de Leda Miranda Hühne como un poema épico-lírico, empreendo un análisis de la presencia de aspectos del épico en la obra para mostrar cómo ese género todavía está presente en nuestros tiempos y cómo retoma, por medio de la materia épica, la identidad de un pueblo. De igual modo, a partir de las reflexiones teóricas de Flávio Kothe (1986) sobre la alegoría,

¹ Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe (DLI/UFS), 2016. Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento (FAC). E-mail: <alexandra.lettras@gmail.com >.

demuestre aquí de qué forma Hühne se utiliza de ese recurso para proponer reflexiones acerca del juego de poder existente en la sociedad. Para ello, parto de teóricos que, contrariando algunos críticos que decretaron, en la modernidad, la muerte de la epopeya, subrayan en sus estudios la presencia del género épico en la contemporaneidad. Así, obras como *História da epopeia brasileira*, de Silva e Ramalho (2007), *Poemas épicos: estratégias de leitura*, de Ramalho (2013), *A cabeça calva de Deus*, de Corsino Fortes, *o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal*, de Ramalho (2015), constituyen el corpus teórico fundamental de esa investigación, confirmando la permanencia del género épico en la contemporaneidad.

Palabras claves: Epopeya; Poesía; Alegoría.

Introdução

Abordar o épico como gênero literário em tempos mais recentes tornou-se problemático, pois a epopeia foi considerada por alguns críticos como um gênero extinto, esgotado no século XVIII, embora tenha havido apenas uma transformação da forma épica, tal como também ocorreu com outras manifestações de gêneros literários. Prova disso é este trabalho, o qual demonstra claramente que a poesia épica ainda persiste no mundo atual.

Neste relato, portanto, abordo a obra citada à luz de teorias épicas do discurso (NEIVA, 2009; RAMALHO, 2015 e RAMALHO, 2013; SILVA e RAMALHO, 2007), desenvolvendo breves considerações sobre a presença, no poema, de fragmentos da realidade objetiva, definindo o plano histórico, e da vivência subjetiva e filosófica dessa realidade histórica. Para isso, realizo, inicialmente, uma revisão teórica sobre o gênero épico, com o intuito de reafirmar a pertinência desse gênero na atualidade, como também descrevo o modo como a obra em questão se apresenta. Além do mais, demonstro que Hühne utilizou-se da alegoria como um recurso expressivo para propor reflexões acerca do jogo de poder existente na sociedade. Para falar sobre a alegoria, tive como base a teoria de Flávio Kothe (1986) e algumas fundamentações de Hansen (2006).

Estudar a dimensão épica da obra *As cantilenas do Rei-Rainha*, de Leda Miranda Hühne, resultou de uma experiência anterior relacionada ao projeto de pesquisa intitulado “Estudo da obra *As cantilenas do Rei-Rainha* a partir do enfoque épico” do qual participei como voluntária de Iniciação Científica durante um ano, sob a orientação da professora Dr^a Christina Bielinski Ramalho, envolvendo-me em diversas atividades que me proporcionaram um maior conhecimento sobre o gênero épico. Assim, decidi aprofundar, no Trabalho de Conclusão de Curso, a pesquisa desenvolvida na Iniciação Científica, dada a riqueza do corpus e as inúmeras possibilidades de desenvolver, a partir do poema, reflexões sobre o caráter contestador da literatura.

A partir dessa conjuntura, o presente texto, recorte do trabalho monográfico, visa abordar a obra *As cantilenas do Rei-Rainha*, de Leda Miranda Hühne, a partir da teoria épica do

discurso, em especial o que se define em *Poemas épicos: estratégias de leitura*, de Ramalho (2013), *A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes, o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal*, de Ramalho (2015), *História da epopeia brasileira*, de Silva e Ramalho (2007) e *Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX*, de Saulo Neiva (2009), de forma a reconhecer o modo como as categorias “Matéria épica”, “Dupla instância de enunciação”, “Invocação”, “Proposição”, “Divisão em cantos”, “Plano histórico”, “Plano maravilhoso”, “Plano literário” e “Heroísmo épico” se apresentam na obra. E, por fim, demonstrar de que forma Hühne utiliza-se da alegoria para propor reflexões acerca do jogo de poder existente na sociedade.

Ao final desse trabalho, destacaram-se também algumas marcas de conteúdo que caracterizam esta obra épica de Hühne, a saber:

- i. a matéria épica no poema;
- ii. como o heroísmo épico se apresenta na obra;
- iii. a presença nos poemas dos planos literário, histórico e maravilhoso.

Desenvolvimento

Para realização deste trabalho, foram feitas as leituras de teóricos como Neiva (2009), Ramalho (2004 e 2013), Silva e Ramalho (2007 e 2015), atentando para o que tais autores dizem sobre poesia épica e sobre a existência ainda de tal poesia no mundo. Também foi realizado o estudo de alguns artigos que abordam o gênero épico.

Depois da leitura e do estudo individual da obra de Leda Miranda Hühne, *As cantilenas do Rei-Rainha*, com ênfase nos seguintes aspectos: o tratamento dado por Hühne a importantes questões que integram o cenário histórico-político brasileiro, principalmente na época da ditadura; a expressão criativa dos recursos míticos que consolidam a temática épica do poema; e, por fim, as marcas estéticas da pós-modernidade literária; foi elaborada uma descrição da parte formal da obra, considerando divisões internas, a quantidade de versos e estrofes presentes na obra, o tipo de métrica e de rima, se havia dedicatória, citações, se houve espaços em branco, caixa alta, dentre outros.

Em seguida, houve o reconhecimento de algumas marcas estéticas e de conteúdo que caracterizam a produção épica de Hühne como, por exemplo, o diálogo com a tradição concretista, o engajamento com questões sociais, culturais e políticas; a instância de enunciação assumida numa primeira voz de mulher; e o revisionismo e o engajamento histórico, tudo sustentado por uma estrutura alegórica que referencia, subliminarmente, o cenário histórico-político brasileiro, principalmente na época da ditadura. Certamente o conhecimento filosófico

da escritora contribuiu para que sua obra tivesse essas marcas. Para maior entendimento, apresento, de forma breve, a fundamentação teórica para a análise da obra em questão.

Uma vez que “Estabeleceu-se, então, uma controvérsia entre o discurso crítico, que decreta a morte da épica, e a prática dos poetas, que se esforçam por renovar o gênero, ajustando-o às transformações históricas” (NEIVA, 2009, p. 9), busco, neste trabalho, evidenciar como a obra *As cantilenas do Rei-Rainha* (1988) de Leda Miranda Hühne se faz exemplo de como a poesia épica brasileira sofreu transformações ao longo do tempo.

Nesse sentido, vale ressaltar que a epopeia resulta de um conjunto de categorias que formam a estrutura épica. É bom deixar claro que, principalmente em função da crença difundida sobre o esgotamento do gênero épico, a intencionalidade épica pode, muitas vezes, sequer existir, ou seja, o poeta produz um poema longo, em que se reconhecem as categorias épicas, sem ter, contudo, a noção precisa de estar escrevendo um texto condizente com as novas formas do épico. Como, portanto, nesse caso, relacionar o poema longo estudado ao épico? Um dos indicadores mais relevantes é a presença da dupla instância de enunciação (lírica e narrativa), em que o eu-lírico e o narrador exercem juntos a ação enunciativa épica, sem que importe que um se sobressaia em relação ao outro.

No 10º ciclo de conferência “Épicos brasileiros da contemporaneidade”, realizado na Academia Brasileira de Letras, Silva (2002) enfatizou que todo discurso se caracteriza por uma instância de enunciação e por seus elementos estruturais. O discurso lírico, por exemplo, tem a instância lírica, que nós chamamos de eu-lírico. O narrador, por sua vez, é a instância de enunciação narrativa. O discurso épico, em especial, é híbrido, pois apresenta uma dupla instância de enunciação: a lírica e a narrativa. Por outro lado, ele é um discurso independente, pois não se reduz às instâncias, só existe nas duas, e se distingue dos outros por ter uma instância duplamente semiotizante. E é essa dupla instância de enunciação que distingue o discurso épico dos demais e também faz com que se reconheça o épico como um discurso autônomo.

Neiva (2009) ressalta que em 1992 o poeta João Cabral de Melo Neto fez um discurso sobre a supremacia do lirismo na poesia ulterior ao Romantismo, criticando, ainda, a ausência de vários gêneros, entre os quais estava o épico:

A poesia histórica, a poesia didática, a poesia épica, a poesia narrativa, a poesia satírica, foram abandonados em favor da poesia de expressão pessoal de “estados de espírito”. Todos esses gêneros foram sacrificados ao lirismo e este foi generalizado e chamado de poesia. Ora lirismo foi simplesmente um dos gêneros em que a poesia se manifestava (NEIVA, 2009, p.47).

Através do comentário citado acima, percebe-se a generalização da poesia, em que todos os tipos de poesia foram reduzidos a um único nome, o lirismo. Conforme Saulo Neiva (2009), João Cabral de Melo Neto procurava defender a legitimidade da epopeia na poesia

contemporânea, e combatia essa redução da poesia ao lirismo. Ainda no 10º ciclo de conferência “Épicos brasileiros da contemporaneidade”, Silva aborda que o discurso, na perspectiva semiológica, é único, inesgotável e passível de múltiplas manifestações. O que torna as várias manifestações diferentes umas das outras é a concepção literária que contaminou o discurso lírico em cada uma delas. Daí, quando a crítica decretou o fim da epopeia, ela estava correta, só que ela estava decretando não o esgotamento do discurso, porque o discurso é inesgotável em si mesmo, a crítica decretava o esgotamento da manifestação clássica do discurso.

Dessa forma, embora alguns críticos tenham decretado a morte do épico, o que aconteceu foram transformações ao longo dos tempos, transformações essas que não foram repentinas, daí Silva ter traçado modelos épicos e caracterizado as várias manifestações do discurso épico, levando em conta a concepção literária que determina as evoluções das formas artísticas. Conforme Ramalho (2013, p.19), “(...) Silva identificou quatro modelos épicos principais²: o modelo clássico, o renascentista, o moderno e o pós-moderno”, sendo assim podemos concluir que a epopeia possui questões que sustentam sua organização interna que vão de uma estrutura clássica a uma épica pós-moderna. Através desses modelos épicos, percebe-se que cada modelo épico foi se contaminando pelos anteriores, trazendo, contudo, contribuições estéticas próprias, ou seja, promovendo uma renovação do gênero.

Já Ramalho, em *Poemas épicos estratégias de leitura* (2013), estabeleceu categorias épicas que auxiliassem melhor a identificação dos textos épicos: Plano literário, Plano histórico, Plano maravilhoso, Proposição, Invocação, Divisão em cantos e Heroísmo épico. *As cantilenas do Rei-Rainha* é, portanto, um poema longo, que podemos considerar como épico-lírico. No que tange à sua faceta épica, tomei como base a teoria de Anazildo Vasconcelos da Silva, Christina Ramalho e Saulo Neiva. De acordo com essas teorias, encontrei, na obra em estudo todas as categorias descritas anteriormente.

Dessa feita, observei que a mesma atende aos moldes épicos antigos no sentido de ter narração, dedicatória, invocação, proposição e divisão em partes, contudo, há outros aspectos como, por exemplo, a fusão da dimensão real com a mítica, tendo como plano histórico a apresentação de fragmentos da realidade objetiva e como plano maravilhoso a vivência subjetiva e filosófica dessa realidade histórica que permite que a identifiquemos como pós-moderna.

O autor épico, muitas vezes em perspectiva crítica, retoma fatos históricos que ganham dimensão mítica. A poetisa Hühne faz essa reconstrução da história, buscando despertar no leitor uma consciência crítica acerca de estruturas autoritárias de poder.

² Chamo de principais pela relevância em termos de modificações estruturais na epopeia. Mas Silva também nomeia outros, como o Modelo Épico Medieval, Barroco, etc.

Quanto à estrutura formal, *As cantilenas do Rei-Rainha* apresenta cinco subdivisões internas: “CONFRONTO”, “ENREDOS”, “PROTESTOS”, “DESTERRO” e “CONTRAPONTO”, num total de 1.563 versos, desenvolvendo variados padrões métricos e estróficos. Vale ressaltar que a obra em questão está repleta de características do Concretismo³. Segundo Campedelli e Souza (2000), os concretistas desintegram totalmente os versos, a unidade do poema deixa de ser o verso e passa a ser a palavra, manifestada em três dimensões, verbal, oral e visual. É exatamente o que ocorre na obra de Hühne (1988). A palavra liberta-se de uma distribuição linear da linguagem verbal, aproximando-se, assim, da comunicação visual, fazendo com que o espaço do papel passe a integrar o significado do poema. Percebe-se também que a estrutura pode ser entendida como a de um poema longo, cuja unidade expressiva enfoca a relação humano-existencial de forma engajada nas questões sociais e políticas.

A temática ou matéria épica da obra em questão é a resistência ao autoritarismo. O poema mostra, de forma simbólica, ou arquetípica, o jogo de poder político que existe na sociedade e o todo o contexto envolvido no enfrentamento heroico ao sistema autoritário. A narração se faz na 1ª pessoa, com a presença da **dupla instância de enunciação**, a lírica e a narrativa, desenvolvendo uma perspectiva temporal. Também se reconhece no texto a fusão da dimensão real com a mítica, tendo como plano histórico a apresentação de fragmentos da realidade objetiva e como plano maravilhoso a vivência subjetiva, metafórica e filosófica dessa realidade histórica, ou seja, história e mito se fundem, a partir do investimento do plano literário de composição dos referentes histórico e mítico, o que define seu caráter pós-moderno. Temos um caso de **proposições múltiplas**, uma vez que a proposição aparece tanto em prosa quanto em poema, e que retoma o conteúdo da anterior, em relação ao centramento temático do poema épico-lírico, com **ênfase no plano histórico**, com conteúdo **simbólico**, pois na obra em questão temos um conjunto de representações metafóricas de uma cultura de um povo.

As cantilenas do Rei-Rainha, em termos de destinatário (a) da invocação, têm uma **invocação humana**, pois o destinatário dos questionamentos é chamado de “rei”, e mais adiante é chamado de rei-rainha, em que a figura do rei centra-se em uma hierarquia de poder. Em relação à função da **divisão em cantos**, *As cantilenas do Rei-Rainha* apresenta cinco subdivisões internas, não nomeadas como cantos, mas como partes intituladas, por isso a divisão em relação à nomeação é **inventiva**. Essas divisões são uma forma de organizar os acontecimentos que são descritos, facilitando a leitura. Em relação à função da divisão em partes na obra de Leda Miranda Hühne, pode-se distinguir a **função temática**, pois cada parte envolve uma temática pautada na matéria épica.

³ Devido à limitação de espaço não poderei colocar versos de *As cantilenas do Rei-Rainha* como estão no livro de Hühne, de forma a comprovar que acontece a distribuição linear das palavras.

Já o **Plano literário** é um conjunto de intervenções criativas do autor no texto (RAMALHO, 2015) integrando tanto os aspectos formais (dedicatória, proposição, invocação e divisão em cantos), como o dimensionamento de outros aspectos como linguagem e voz autoral.

Para a análise do plano literário, em *As cantilenas do Rei-Rainha*, quanto ao **reconhecimento do lugar da fala autoral**, temos uma **voz autoral bastante engajada** nas questões sociais e políticas. Percebe-se a voz engajada de Hühne através do eu-lírico/narrador que se manifesta em primeira pessoa, usando a estrutura de poemas longos para problematizar a experiência humano-existencial dentro de um contexto político. E isso se vê, metaforicamente expresso, em:

*SE EU FIZESSE
COMÍCIOS:
HORA DE ACABAR
O ARBÍTRIO
DO REI-RAINHA*

*VAMOS TIRAR O CETRO?
VAMOS TIAR O TRONO?
VAMOS TIRAR O COFRE?*

*A PLATÉIA NEM SE INCOMODARIA
TÃO PERDIDA NO DRAMA REPRESENTADO NO PALCO NEM ENTENDERIA AS TRAMAS DOS BASTIDORES*

*ENVOLVIDA NO BRILHO RUBRO
DOS MANTOS NOS AGUDOS E
SILÊNCIOS DOS CANTOS NEM SE
LIGA AOS ENREDOS DAS CILADAS (1988, p. 69)*

Quanto ao **plano histórico**, observa-se que, na obra de Leda Miranda Hühne, temos um **plano histórico não explicitamente referenciado**, pois, para o leitor obter mais informações sobre os acontecimentos históricos presentes na obra, é necessário que busque mais informações fora do texto, em outras fontes.

Quanto à apresentação do plano histórico, portanto, tem-se, na obra como um todo, uma **perspectiva fragmentada**, pois o plano histórico está organizado em vários recortes que privilegiam registros históricos, tais como a história de Joana D'Arc, a de Dom Quixote, a Inquisição, entre outros, uma vez que predomina o caráter lírico em que o passado se recompõe através de fragmentos de teor crítico, nos quais, por exemplo, figuras como a de Cristo metaforizam o heroísmo de quem luta por um ideal, motivado por uma atitude positiva de enfrentamento a uma estrutura rígida e opressora.

O plano maravilhoso está centrado nas projeções idealizadoras de liberdade e justiça para todos. Na obra de Leda será justamente a figura metafórica do “Rei-Rainha”, configurando uma fonte mítica literariamente elaborada, que comporá o arcabouço mítico que projetará o histórico no maravilhoso. O poema épico-lírico, *As cantilenas do Rei-Rainha* (1988), de Leda Miranda Hühne, apresenta uma nova forma de heroísmo que sobrevive às mazelas, exigindo capacidade de superação, um herói do cotidiano.

Agora é a 1ª. pessoa da enunciação lírica que assume o relato e incorpora o herói coletivo, que é o Eu projetado no mundo caótico, tornando-se herói por se permitir vivenciar subjetivamente e de forma simbolicamente fragmentada esse caos. Há, ainda, nesse projetar-se no mundo metonimicamente, a possibilidade do resgate histórico, prática também recorrente na Pós-Modernidade. Daí encontrarmos, principalmente nos poemas épicos mais recentes, a presença de figuras marcantes da historiografia ocidental (RAMALHO, 2004, p.155).

Destarte, *As cantilenas do Rei-Rainha* pode ser entendida como um poema longo, cuja unidade expressiva enfoca a relação humano-existencial de forma engajada nas questões sociais e políticas. Além do mais, todo o contexto está envolvido no enfrentamento heroico ao sistema autoritário.

Nesse sentido, a representação alegórica também foi uma das formas usada por Hühne para expressar suas ideias, por ser um recurso que contém sentidos que vão além do que está ali no papel, necessitando da interpretação do que está nas “entrelinhas”. Por meio da alegoria e da fragmentação, Leda Miranda Hühne problematiza questões históricas ligadas ao contexto político e econômico da ditadura militar no Brasil.

“A alegoria costuma ser entendida como uma representação concreta de uma ideia abstrata” (KOTHE, 1986, p. 6), ou seja, um texto que pode ser constituído de fragmentos significativos gerando uma nova construção de sentido, em que se diz uma coisa com o intuito de significar outra.

Para Hansen (2006, p.7), “ela é um procedimento construtivo”. Ele explica:

A alegoria é a metáfora continuada como tropo de pensamento, e consiste na substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento (Idem, ibidem).

E enquanto parte da realidade, “A alegoria é um índice da história que poderia ter sido, mas não foi. Ela é manifestação e denúncia implícita do reprimido” (KOTHE, 1986, p.67). Kothe ainda afirma que a alegoria é uma linguagem da repressão, sendo assim, podemos supor que alguns poetas usam esse recurso como uma forma de denúncia do autoritarismo, de pessoas subordinadas que lutam contra uma classe dominante. E é a partir dessa pressuposição que

busco mostrar, no poema épico-lírico de Hühne, elementos alegóricos presentes que se juntam para denunciar o jogo de poder existente em uma sociedade, e para mostrar a repressão.

Segundo Flávio R. Kothe (1986, p.5), “Na poesia, um sinal de que se pode ter deparado uma alegoria é o aparecimento de um substantivo com inicial maiúscula”. A letra maiúscula é utilizada nas iniciais dos substantivos *Rei-Rainha*, alegoricamente, por Hühne, na construção do título.

Em *As cantilenas do Rei-Rainha* existem analogias intencionais criada por Hühne. Isso fica claro ao lermos algumas estrofes presente na obra. Nesse âmbito, e de acordo com Kothe (1986, p. 75), temos: “A leitura alegórica procura acompanhar esse movimento, essa insistente busca do outro (em que acena, mas não se encerra, a identidade)”. Nas estrofes a seguir, a autora, por meio do eu-lírico/narrador, faz da Santa Inquisição uma alegoria, vejamos: FELIZ JÁ REGOZIJAS / NAS CHAMAS DA FOGUEIRA / ACESAS EM TEUS OLHOS // ENCAPUÇADA / A COMITIVA PASSA / E FINGE NÃO VER / O CARRASCO // - 1988, p. 51).

Essa imagem alegórica resume o poder que a igreja católica tinha durante o período da Inquisição. Sabemos que a inquisição mandou para a fogueira milhares de hereges, isto é, pessoas com práticas contrárias a da igreja católica. A religião era indispensável e imposta à população, ninguém tinha o direito ter uma religião a sua maneira, tudo era imposto, e muitas vezes homens que tinham altos cargos eram os inquisidores.

Outro caso que nos remete a Inquisição é o caso de Joana D’Arc , personagem da história francesa que sempre estava disposta a socorrer os necessitados, mas que foi condenada por heresia, pois ela afirmava que tinha sido enviada por um Deus para libertar a França dos ataques ingleses.

É através da representação alegórica e dos fragmentos que Hühne cria esse segundo sentido crítico, de mostrar o jogo de poder existente na sociedade e da repressão existente no período da ditadura militar, das torturas sofridas daqueles que decidiam rebelar-se (TENTO GRITAR / ME FIXAS NAS / MASMORRAS // PORTA / ENTREABERTA // NUMA PATENA SUJA / ENTREGUEI OS AGRAVOS / DA SUADA PLEBE // ORDEIRA / DESORDEIRA // OLHASTE / DEMORADAMENTE / PARA O OURO // O SILÊNCIO / CRESCE // EM VÃO / RECLAMO // - 1988, p. 70-71).

O eu-lírico/narrador luta contra as formas de repressão, toma uma posição de protesto, de lutar a favor da liberdade, e a palavra vira instrumento de luta. Através das estrofes citadas, podemos perceber uma crítica ao regime militar, pois sabemos que as palavras foram usadas, quase sempre metaforicamente, para atacar as pessoas responsáveis pelo autoritarismo, pois as mobilizações contra a ditadura militar não se resumiram apenas às passeatas, mas os jornais também foram usados com um veículo de denúncia ao autoritarismo governamental. Cabe

lembrar aqui que muitos artistas e escritores fizeram, nos anos 70 e 80, uso de metáforas um meio de poder protestar contra a repressão militar.

Hühne através da alegorização procura mostrar a ditadura militar, um regime instaurado a partir de março de 1964 a 1985, caracterizado como autoritário, ameaçador, e intolerante no que se dizia respeito à liberdade de expressão.

Vale ressaltar aqui que a obra, *As cantilenas do Rei-Rainha*, foi publicada em 1988, temos aí três anos após a ditadura militar no Brasil, e o ano de promulgação da Constituição de 1988. Hühne, portanto, apresenta versos que sugerem um segundo sentido. A partir de um fato ou registro histórico, vertidos em imagens alegóricas que, falsamente referenciam um contexto histórico distanciado no passado, sua obra instiga no leitor a vontade de conhecer casos vividos pelo país e refletir sobre esses momentos.

Considerações finais

Ao final desse trabalho, posso afirmar que *As cantilenas do Rei-Rainha* reúne poemas longos, unidos por uma temática comum, que apresentam um conteúdo bastante afinado com o que nós estamos vivenciando em termos históricos de consciência política.

Não é de se negar que o Brasil vem passando por uma crise tanto na economia quanto na política. Aproveitando-se da fragilidade do momento, aparece um grupo que se autoatribui um papel heroico (embora seus membros também estivessem envolvidos em corrupção); julga, arbitrariamente, a presidente Dilma Housseff; divulga, com apoio midiático, a ideia de que o *impeachment* resolveria tudo; e consegue depor a presidente. Quer dizer, setores do empresariado, do mercado e um grupo político achavam que o país pudesse voltar a crescer depois de uma governante – que foi eleita democraticamente – ser afastada definitivamente do seu cargo. Se retomarmos os poemas que compõem a terceira parte de *As cantilenas do Rei-Rainha* (em que o eu-lírico/narrador se mostra insatisfeito diante das injustiças e tenta problematizar questões sociais através de um contexto político) e a relacionarmos com o momento pelo qual passamos no momento presente, perceberemos a repetição da história criticamente apresentada na obra através de vários recortes que privilegiam registros históricos. Essa comparação serve igualmente para refletirmos sobre ações que acontecem no nosso presente, como o jogo de poder político existente na sociedade, o que, de certo modo, afirma o jogo político e a opressão da ditadura como uma presença atemporal ou permanente na história do país.

Em sua obra, Leda Miranda Hühne assume uma voz de primeira pessoa, produzindo poemas longos com o intuito de despertar no leitor essa consciência crítica. Vale ressaltar que,

conforme Neiva (2009, p. 79), a epopeia funciona como uma ferramenta de reflexão sobre o presente, para isso há um relato de um passado coletivo que nos faz pensar o momento que vivemos, ou seja, o presente, para assim tentarmos resolver os problemas, assim podemos perceber que a epopeia também faz com que possamos pensar na mudança.

Todas as possibilidades de reflexão sobre história e mito inerentes à leitura do texto épico podem explicar o interesse em se estudar o fato de a epopeia vir crescendo bastante. A presença de estudos épicos, por exemplo, é notável em diversas universidades no Brasil e no exterior⁴.

Nessa perspectiva, *As cantilenas do Rei-Rainha* pode ser compreendida, em seu conjunto, como uma obra épica cuja matéria épica – o jogo de poder e o autoritarismo existente na sociedade – muito bem retrata nosso próprio e conturbado momento político.

Referências bibliográficas

CAMPEDELLI, Samira Yousseff & SOUZA, Jésus Barbosa. **Literaturas Brasileira e Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2000.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria, Construção e Interpretação da Metáfora**. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

HÜHNE, Leda Miranda. *As cantilenas do Rei-Rainha*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

KOTHE, Flávio R. **A Alegoria**. São Paulo, Ática, 1986, (Série Princípios).

NEIVA, Saulo. **Avatares da epopeia na poesia brasileira do fim do século XX**. Recife: Massanga, Ministério da cultura, 2009.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. Aracaju: Artner Comunicação, 2015.

RAMALHO, Christina. **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. 2004. 825 f. Tese (Doutorado em Letras, Ciência da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.

SILVA, Anazildo Vasconcelos. **A lírica brasileira no século XX**. Rio de Janeiro: OPVS, 2002.

_____. **Épicos brasileiros da contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=CKvcfQBVHB4>. Acesso em: 14 nov. 2015.

⁴ Ver informações veiculadas pelo CIMEEP.

SILVA, Anazildo Vasconcelos; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira.** vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Anazildo Vasconcelos; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira.** vol. 2. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2015.